

Nana Caymmi cede ao palco e ruído da Avenida Paulista

Lina de Albuquerque

A sorte está lançada: Nana Caymmi canta hoje, ao meio-dia, em vão livre do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Justamente ela, acostumada aos ambientes intimistas e concentrados. "Tem certeza de que não será dentro do museu?", perguntou ela, ao ser informada pelo Estado de que o show estava programado para o lado de fora, durante o ruidoso intervalo de almoço da Avenida Paulista. Ela desconhecia esse detalhe, pensava que fosse se apresentar em espaço fechado, como o do Museu de Arte Moderna (MAM), do Rio.

O engano chega a ser preocupante. Ainda mais quando se tem em conta o hábito consagrado da cantora de arremessar improperios contra platéias dispersas e barulhentas. "Por que vocês não vão assistir a novela da Globo?", reagiu certa ocasião, no Teatro Ipanema, no Rio. Há cinco anos, o temperamentalismo de Nana atingiu o ápice numa outra temporada carioca, no People. Por uma questão geográfica, as pessoas que iam ao banheiro daquela casa noturna eram obrigadas a passar em frente do palco. A cantora se irritou exageradamente com o corre-corre feminino ao banheiro no show. No início, suspirava: "Como tem mulher encalhada..." O chumbo grosso viria depois: "Se passar mais alguém, eu joga uma coisa".

Mais difícil é fazer calar a Avenida Paulista. "Vou correr o risco", conforma-se Nana (e o público também). A maioria dos ouvintes do Som do Meio-Dia é formada por transeuntes que não têm hora para chegar ou se



Nana Caymmi, pega de surpresa pelo vão do Masp

retirar e assistem aos espetáculos de pé. Em 25 anos de carreira, ela nunca ficou tanto tempo sem apresentar-se em São Paulo. A última vez foi há três anos, com o pai Dorival Caymmi e os irmãos Dori e Danilo no Hotel Maksoud. "Estou cantando no Masp porque foi o único lugar que a minha empresária, Regina Oreiros, conseguiu", revela. Nana estava com um show programado no Sesc Pompéia neste mês, que teve de ser adiado por questões financeiras. "Quando eu mais precisava de São Paulo, a cidade me dá as costas", lamenta. Ela admite que está vivendo um dos momentos mais difíceis de sua vida. Principalmente por causa do acidente de moto sofrido pelo seu filho caçula em dezembro de 1989, que ainda não se recuperou do traumatismo craniano.

Depois de saber que cantaria ao ar livre, Nana prometeu: "Não esperem então nenhuma música inédita". Há dez anos, teve uma experiência parecida, "num matagal do Morumbi", segundo ela. "São Paulo tem mania de matagal. Mas, mesmo assim, naquela vez eu meti o pé na lama e achei que fosse abafar. Quebrei a cara, mas foi divertido."